



História
Nova Ordem



Um cientista português no coração do nacionalsocialismo

José Pedro Castanheira

Em Dezembro de 1942, em plena II Guerra Mundial, bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, o médico José Ayres de Azevedo regressa à Alemanha.

O seu objectivo é prosseguir os estudos e a investigação em torno das teorias da eugenia, que defendem o aperfeiçoamento da espécie humana por via da selecção genética e do controlo da reprodução e que são um traço essencial do nazismo. Ayres passa a estar no cerne da experimentação que levará a Humanidade a um dos confrontos mais dramáticos da sua história: o Holocausto.

Desta vez, Ayres vai para Berlim. Passa a trabalhar no Kaiser-Wilhelm Institute (KWI), principal centro de investigação científica da Alemanha e do Mundo. Com a chegada de Hitler ao poder, é no Instituto de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia do KWI que germinam e são testadas as teorias nazis da superioridade da raça ariana. O cientista português começara por investigar, em 1941, na Universidade de Frankfurt, sob a direcção de Otmar von Verschuer, o orientador da sua tese de doutoramento. Agora, o seu mestre transfere-se para Berlim, onde vai dirigir aquele afamado instituto, e convida-o a acompanhá-lo. Confere-lhe o título de assistente estrangeiro e encarrega-o de dirigir a recém-criada secção de sorologia, com direito a um laboratório privativo

e a uma técnica para o auxiliar. Trata-se - como Ayres há-de sublinhar num relatório para o Instituto para a Alta Cultura - de uma «honra dupla» pela qual lhe está «muito grato».

Na vanguarda dos estudos eugénicos em Portugal, Ayres de Azevedo encontra-se agora entre os maiores cientistas que deram corpo à política racial do nazismo. Escreve na principal revista científica de eugenia e participa na elaboração de numerosos pareceres solicitados pelos tribunais nazis sobre matérias altamente controversas, como a esterilização de deficientes ou a determinação da paternidade (envolvendo designadamente judeus). Dedicar-se ao estudo da hereditariedade entre gémeos, o mesmo tema das investigações conduzidas quer por Von Verschuer quer por Josef Mengele, o conhecido «anjo da morte» do campo de trabalho de Auschwitz. Entre Janeiro e finais de Maio de 1943, Ayres de Azevedo trabalha no mesmo instituto, com o mesmo mestre e sobre a mesma área científica que o tristemente famoso Mengele.

José Ayres de Azevedo Novaes Basto nasce em 11 de Junho de 1911, na freguesia da Sé, no Porto. O pai, José Novaes Basto, é um negociante de Celorico de Basto, monárquico; a mãe, Maria da Conceição Ayres d'Azevedo Novaes Basto, nascida em Nogueira (Vila Real), é doméstica. Filho único, nasce na casa paterna, no N.º 52 da Rua do Loureiro.

Aluno do Liceu Alexandre Herculano, no Porto, faz o ensino secundário com média de 16 valores. Segue-se, em 1928, a Faculdade de Medicina - porventura influenciado pelo tio paterno, Egídio da Costa Ayres de Azevedo (1887-1957), um respeitadíssimo catedrático da Universidade de Coimbra. Termina a licenciatura em Medicina e Cirurgia em 1935, com distinção e a classificação final de «Muito Bom» (18 valores). Frequenta igualmente os cursos de Medicina Sanitária e Medicina Legal. Paralelamente, tira o curso de Ciências Económicas e Financeiras (no então Instituto Superior de Comércio do Porto).

«Nacional-sindicalista, crítico de Salazar»

Em 1933, Hitler ascende ao poder na Alemanha e torna-se chanceler do Reich. Inspirado nas teorias da eugenia - destinada a melhorar as características raciais das gerações futuras -, o Führer põe em prática as primeiras medidas. Uma lei estabelece a esterilização obrigatória para as pessoas com «defeitos mentais congénitos (...), malformações graves e alcoolismo sério» - norma que irá atingir quase 400 mil pessoas. Segue-se, em 1935, a «lei para protecção ao sangue e honra alemães»,

proclamada em Nuremberga, a cidade mítica do partido nazi (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, NSDAP).

A 22 de Junho de 1935, José Ayres casa-se com Arminda de Sales Castro Lima, de 20 anos, natural de Coimbra. O jovem casal vai viver para o N.º 73 da Rua de Vale Formoso, na freguesia de Paranhos, Porto. É uma vivenda construída pelo pai no princípio do século. Com os estudos médicos concluídos, torna-se assistente voluntário da cadeira de Higiene e Epidemiologia, regida pelo director da Faculdade de Medicina do Porto (FMP), professor António Almeida Garrett. Catedrático de Pediatria, Garrett tem a seu cargo ambas as cadeiras. A 14 de Fevereiro de 1936 nasce, em Coimbra, em casa dos avós maternos, o filho José Manuel. Nesse ano, começa a colaborar no Observatório Meteorológico da Serra do Pilar. Mais tarde, ingressa na Maternidade de Júlio Dinis.

Em finais de 1938, candidata-se a assistente efectivo da cadeira de Higiene. Ao corrente desta candidatura, a reitoria da Universidade do Porto pede, como é norma, informações à Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). A resposta da antecessora da PIDE é burocrática e refere que o médico «tem bom comportamento moral e não manifesta qualquer ideia política».

Três meses depois, porém, a polícia política dá uma informação bem diferente sobre o jovem Ayres, já que, «segundo informações» não especificadas, «o epigrafeado é Nacional Sindicalista, discute demasiadamente a obra de Salazar e não é legionário». Ou seja: está ligado à ala mais extremista do regime, os «camisas azuis», de Rolão Preto, que rejeitam o corporativismo católico de Salazar e são adeptos entusiastas de Hitler e do seu regime. José Manuel Aires Basto, de 71 anos, o filho mais velho de Ayres, cirurgião aposentado e ex-professor na FMP, desconhece a ligação do pai ao nacional sindicalismo; em contrapartida, confirma que «nunca foi legionário nem da Mocidade Portuguesa».

A 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invade a Polónia: é o início da II Guerra Mundial. Prosseguindo o plano de aperfeiçoamento da raça, Hitler faz aprovar uma lei sobre a eutanásia, o que irá custar a vida a mais de 70 mil doentes mentais. O método preferido é o envenenamento por monóxido de carbono.

Ayres é pai pela segunda vez em 1940. O filho Francisco nasce na própria casa paterna. Candidato a assistente de Higiene, é aprovado por

unanimidade pelo Conselho Escolar - órgão máximo da faculdade, composto por todos os catedráticos, de nomeação vitalícia. Nos anos seguintes, é reconduzido, mas já não por unanimidade: em 1940, tem nove esferas brancas e uma preta; no ano seguinte, duas pretas. Na opinião do filho José Manuel, as esferas pretas «devem-se muito provavelmente a professores da corrente anglófila» que, já em plena guerra, não simpatizariam muito com o jovem assistente, visto como pró-nazi. Datam de 1940 as suas primeiras publicações: *População e Império* e *A Pureza Bioquímica do Povo Português*, comunicações apresentadas no âmbito das Comemorações Centenárias. Neste último, sustenta a tese de que a sua elevada pureza «coloca o nosso povo (...) no mais alto lugar da lista das raças de tipo europeu».

Bolseiro na Alemanha

A respirar pujança, ambição e vitalidade, a Alemanha lidera a investigação científica a nível mundial. Não é de espantar, por isso, que muitos estrangeiros queiram prosseguir ali os estudos. É o que acontece com o portuense. Para tanto, candidata-se a uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura (IAC). Criado por Salazar em 1936, inclui na sua primeira equipa directiva nomes distintos da academia e do regime, com destaque para Marcello Caetano, futuro Presidente do Conselho. Com funções hoje parcialmente desempenhadas pelo Instituto Camões, uma das suas competências é a atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro.

A 11 de Dezembro, Ayres requer ao IAC uma bolsa na Alemanha. O objectivo é triplo: ampliar os «conhecimentos sobre Higiene racial e Biologia da hereditariedade (assuntos até agora ainda não ensinados em Portugal), realizar trabalhos de investigação» e, por último, preparar «a tese de doutoramento». Informa que já contactou «as entidades oficiais alemãs» e propõe-se trabalhar sob a direcção dos professores Dold, Pfannenstiel, Von Verschuer e Kuster, todos nomes sonantes da comunidade científica alemã.

A candidatura à bolsa é reforçada pelo director da faculdade, o professor Almeida Garrett, que confirma o desejo do seu assistente «de efectuar estudos sobre a hereditariedade no género humano e os problemas eugénicos». A bolsa é concedida em 17 de Janeiro de 1941. Aliás, o IAC tem relações privilegiadas com instituições de ensino germânicas. A Alemanha é mesmo o país para o qual concede maior número de bolsas: das 22 atribuídas para o estrangeiro em 1941, sete são para universidades na Alemanha, apesar de a guerra já alastrar há dois anos;

além disso, mantém cinco leitorados de português.

A bolsa de Ayres insere-se num programa de troca de bolsas entre o IAC e o Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD, Serviço Alemão de Trocas Académicas). Firmado entre os governos de Lisboa e de Berlim, o acordo prevê a troca de quatro bolseiros em cada ano. O montante mensal é de 1750 escudos (8,75 euros).

Ao bolseiro, o IAC pede um plano dos estudos que deseja efectuar - o que aquele satisfaz de imediato. O plano, redigido em alemão, abrange áreas como «ciências raciais», «higiene racial e demografia», «anormalidades em cruzamentos raciais» e «grupos sanguíneos em anormais». Em matéria de eugenia, o programa apresentado por Ayres é particularmente detalhado: «luta contra a mistura de raças e os casamentos consanguíneos»; «isolamento dos anormais»; «esterilização preventiva»; «tribunais de hereditariedade na Alemanha»; «luta contra as doenças sociais»; e, finalmente, «medidas de eugenia de natureza económica, fiscal e social. Educação e propaganda».

Passaporte de missão especial

O passaporte é emitido pelo Ministério do Interior. Com o N.º 26, é um passaporte de missão especial e inclui o nome dos familiares que o acompanham: a mulher, Arminda, e o filho mais velho, José Manuel, de 5 anos. Notificado pelo consulado alemão de que poderá «seguir quando quiser pela zona ocupada» de França, parte a 13 de Maio, via Paris. Leva «cartas de apresentação» para os professores Von Verschuer, Fischer e Lenz. São os nomes que deram cobertura à política racial do nazismo, ocupando lugares de topo nas principais instituições científicas.

Otmar von Verschuer, com quem irá trabalhar, dirige o Instituto de Biologia da Hereditariedade e Higiene da Raça da Universidade de Frankfurt, criado em 1934. Fischer e Lenz lideram o Instituto de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia de Berlim, integrado no KWI (que, após a guerra, será reestruturado e rebaptizado com o actual nome, Instituto Max Planck). Eugen Fischer é um dos principais responsáveis pelas teorias científicas nazis sobre a chamada «higiene racial», que viriam a legitimar o Holocausto. Professor de Medicina, Antropologia e Eugenia, adere ao partido nazi, o NSDAP, pouco depois da sua criação. Algumas das suas teses são mesmo incorporadas por Hitler na sua famosa obra Mein Kampf. Director do KWI desde a sua fundação, Hitler nomeia-o em 1933 reitor da Universidade de Berlim. Quatro anos depois, é doutorado «honoris causa» pela Universidade de

Coimbra. Quanto a Fritz Lenz, é outro dos teóricos da superioridade ariana e colaborador empenhado da política racial nazi.

O cientista português chega a Frankfurt a 24 de Maio. O bolseiro recebe 200 marcos mensais, através do DAAD, a que se soma o montante do IAC. A 30, escreve a primeira carta ao IAC. A morada é a da própria universidade, em Gartenstrasse.

O repórter do Expresso com a musicóloga Maria Augusta Barbosa, de 96 anos, única testemunha portuguesa ainda viva dos anos de guerra; também bolseira, saiu de Berlim com Ayres

O campo de Auschwitz

Ayres e família instalam-se numa casa junto à estação ferroviária, ao lado do teatro Schumann. O filho José Manuel, apesar de ter então apenas 5 anos, recorda: «Em frente havia um abrigo subterrâneo, onde íamos frequentemente por causa dos bombardeamentos aéreos. Vi também uma coluna de prisioneiros russos a ser levada para o trabalho.» A família está sujeita a um severo racionamento, imposto a toda a população. «Ia com a minha mãe todos os dias às compras, com as senhas. Tudo estava muito bem organizado. Nunca vi fome, nem pessoas a pedir. E tratavam primorosamente os estrangeiros.»

O português trabalha diariamente com Verschuer. Num dos relatórios apresentados trimestralmente ao IAC, realça como o mestre o acolheu: «Fui recebido da forma mais afectuosa possível, destinando ele um magnífico e completo gabinete de trabalho para meu uso privativo.» Os 16 assistentes que Verschuer possuía antes da guerra foram reduzidos «a uma só», a que se soma agora o português. O mais famoso foi Josef Mengele, que ali trabalhou entre 1937 e 1940, dedicando-se em especial à hereditariedade dos gémeos. Ayres trabalha nos laboratórios e na clínica e segue dois cursos: Hereditariedade Humana como Fundamento da Higiene da Raça e Política Populacional.

A 14 de Junho de 1941 é aberto na Polónia o campo de Auschwitz, símbolo máximo do Holocausto. Curiosamente, a diplomacia portuguesa tem conhecimento imediato deste campo. O secretário da embaixada, Manuel Homem de Mello, acabado de chegar a Berlim, vai a título oficial até Varsóvia, onde ouve falar do campo de prisioneiros de Oswiecim, isto é, Auschwitz. «Foi essa a primeira vez que ouvi tal nome, embora se lhe referissem unicamente como um campo de concentração», escreve

nas suas memórias (Eu Vi Morrer o III Reich, ed. Vega). «Quanto aos chamados campos de extermínio, apenas tive conhecimento da sua existência depois do fim da guerra.» José Manuel Aires Basto acredita que o mesmo terá sucedido com o pai: «Quando se começou a falar dos judeus, ele começou por levantar dúvidas. Estava incrédulo! Depois concluiu que tinha sido assim.»

O primeiro relatório trimestral para o IAC é de 30 de Agosto. Colabora no serviço de consultas de Heredo-biologia e de Higiene da Raça. Nas férias, estuda as técnicas de determinação dos grupos sanguíneos noutros dois institutos germânicos. Nos tempos livres, visita vários hospitais. Da correspondência trocada com o IAC (e depositada no Instituto Camões), a única nota crítica ao nazismo vai para a arquitectura da Nova Clínica Cirúrgica de Heidelberg, «a mais recente da Alemanha e motivo de confessado orgulho do actual regime» - e que irá inspirar o projecto dos hospitais-faculdades a construir em Lisboa e Porto. Em Colónia, quando se prepara para visitar o Museu para a Higiene do Povo, é informado de que «fora destruído pelo bombardeamento» - a primeira das raras referências feitas à guerra.

Entusiasmado com o trabalho e encorajado por Verschuer, pede ao IAC a prorrogação da bolsa. Informa que está a fazer «um trabalho de investigação sobre ‘Grupos e sub-grupos sanguíneos e sua hereditariedade’», que deseja «aproveitar como dissertação» para o concurso a professor agregado.

O segundo relatório é de 30 de Novembro. Informa estar a frequentar dois novos cursos: Teoria da Hereditariedade e Ciência da Raça e Higiene Racial. No Instituto de Röntgen, colabora com o respectivo director, Hans Holfelder; membro do partido nazi e oficial das tropas SS, é um dos responsáveis pela aplicação da lei da eutanásia, tendo estado envolvido na morte de 35 mil polacos com tuberculose. Visita o Centro de Investigação Psiquiátrica do KWI, onde avulta a figura de Ernst Rüdin; psiquiatra suíço, apologista da eutanásia, fora um dos mentores da lei de esterilização. Participa igualmente em vários congressos internacionais na Alemanha e na Áustria, onde é o único cientista português. Verschuer convida-o a traduzir o seu novo livro, Manual para a Higiene da Raça. «Julgo poder, com esta tradução, contribuir altamente para facilitar o ensino, que urge organizar, da Higiene da Raça em Portugal.»

A hereditariedade em gémeos

Chega ao Porto nas vésperas de Natal. Obtida a prorrogação da bolsa, a 20 de Janeiro já está de regresso à Alemanha. Desta vez, leva apenas a mulher, Arminda. A evolução da guerra aconselha a que os filhos fiquem em Coimbra com os avós maternos. Em Fevereiro, Oliveira Salazar nomeia uma nova direcção para o IAC, de pendor pró-nazi. O presidente é Gustavo Cordeiro Ramos. Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, fora ministro da Instrução em dois governos da Ditadura Militar. Germanófilo assumido, prefaciou uma antologia de textos de Salazar publicada na Alemanha, com uma curta introdução de Goebbels, o ministro da Propaganda de Hitler.

Como vice-presidentes são nomeados Amândio Joaquim Tavares e Luís Cabral de Moncada. Amândio Tavares passa a ser o homem-forte do instituto, aí se mantendo até 1967; catedrático da FMP, é um nome bem conhecido de Ayres. Quanto a Cabral de Moncada, é professor de Filosofia em Coimbra, onde foi vice-reitor; oriundo do Integralismo Lusitano, é um dos mais destacados intelectuais desta corrente ultraconservadora; germanófilo, foi doutorado «honoris causa» em 1936 pela Universidade de Heidelberg. Como secretário, mantém-se António de Medeiros Gouveia, um «cristão-novo» do salazarismo. Doutor em Ciências Geográficas por Coimbra, fora membro do Grande Oriente Lusitano, que abandonou antes de o Estado Novo ilegalizar a Maçonaria.

Convidado para Berlim

No terceiro relatório trimestral, Ayres anuncia um estágio com Albert Ponsold, especialista em sorologia - disciplina científica que trata do estudo dos soros. Ex-juiz do Tribunal para a Saúde Hereditária, Ponsold é outro cientista que pertence ao partido nazi. Explicita, pela primeira vez, que está a investigar sobre gémeos. «Este trabalho» - escreve - «realizado sob a orientação pessoal de Von Verschuer, versa sobre a hereditariedade dos grupos sanguíneos (...) em gémeos. A ele tenho dedicado a maior parte das dez horas diárias que no Instituto tenho trabalhado.» O número de observações contam-se já por centenas. Ao «método heredo-biológico dos gémeos» está ligado o «nome inseparável» de Verschuer, um especialista no estudo desta temática e que até 1940 contou com a preciosa colaboração de Josef Mengele, que entretanto ingressou no Exército como oficial.

A estreita ligação a Verschuer leva Ayres a trocar Frankfurt por Berlim. O seu patrono vai dirigir o Instituto de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia do KWI, «como sucessor do professor Eugen Fischer, agora aposentado». Aos 68 anos, principal suporte científico da

vertente racista do nazismo, é o próprio Fischer quem designa Verschuer para o substituir. Plenamente satisfeito com o português, Verschuer convida-o para Berlim. Entusiasmado, Ayres aceita. Pudera: vai trabalhar no KWI, que é só o mais afamado centro de investigação da Alemanha e do Mundo. Por ali passaram numerosos Prémios Nobel - da Medicina, da Física, também da Química. Alguns dos seus antigos directores foram mesmo dos maiores vultos da história da ciência, como Max Planck e sobretudo Albert Einstein.

Entretanto, a revista «Portugal Médico» publica dois novos artigos seus. Com a bolsa mais uma vez prorrogada, prepara a mudança para Berlim. Preocupado com o racionamento, cada vez mais estrito à medida que a guerra avança, pede o envio, através da mãe, de alimentos crescentemente raros: arroz, bacalhau, carne fumada, azeite, café, chá.

O quinto relatório é de 14 de Setembro. Continua «incansavelmente e em ritmo cada vez mais acelerado o estudo dos grupos sanguíneos em gémeos». A meta são os 400 gémeos, uns mono-ovulares, outros bi-ovulares. A 1 de Outubro, Verschuer muda-se para Berlim. Aproveitando a transferência dos serviços, Ayres viaja até ao Porto, para umas curtas férias. Visita a mãe, de saúde precária, e apresenta ao IAC uma listagem dos trabalhos que vem realizando - 16 ao todo. «O problema quantitativo das substâncias grupais» é aquele a que mais se tem dedicado e que tenciona transformar em dissertação de doutoramento.

Entretanto, o processo do bolseiro é enviado para o Porto, para o vice-presidente do IAC, Amândio Tavares. Este é colega e amigo do director da faculdade, Almeida Garrett, e conhece bem Ayres. Tavares «é quem mandava de verdade no IAC, especialmente nas bolsas de estudo», recorda Joaquim Pereira Guedes, hoje octogenário, que foi seu assistente de Anatomia Patológica.

No cerne das teorias racistas

De Berlim, o português escreve para o IAC no último dia de 1942 e indica a nova morada: Uhlandstr. 110, II. Por esta altura, no Palácio das Necessidades já não se ignora a caça generalizada aos judeus. Ouve-se até falar em campos de concentração, como o de Dachau, mesmo se se desconhecem as suas proporções. Manuel Homem de Mello confirma, nas suas memórias, que, em 1943, já se podia «falar de uma acção de extermínio - embora não se soubesse absolutamente nada sobre as câmaras de gás nem sobre o que se passava em Auschwitz e nos outros

campos».

Em Berlim, a guerra é uma companhia quotidiana e o seu curso já não é favorável a Hitler. O embaixador na capital do Reich, Pedro Tovar de Lemos (conde de Tovar), mantém o Ministério dos Negócios Estrangeiros (cujo titular é o próprio Salazar) a par da evolução do conflito. À medida que os aliados progridem, diminui o número de portugueses em Berlim. Homem de Mello conta que «costumavam reunir-se numa pensão situada na parte ocidental». Entre eles, Flávio Resende, investigador de biologia, e Maria Augusta Barbosa, doutoranda em ciências musicais. São ambos bolseiros do IAC, tal como Ayres de Azevedo. Deste, porém, não há uma única menção no livro do diplomata nem nas memórias da musicóloga («Expresso», 23/4/2005).

Na Primavera de 1943, Verschuer avança com um projecto chamado «Corpos Específicos de Proteínas», que, segundo o historiador Hans-Walter Schmuhl, constitui, «na prática, o desenvolvimento de um teste racial sorológico». Para Schmuhl, os trabalhos de Ayres «estavam indirectamente relacionados, em termos conceptuais», com aquele teste. Num relatório datado de 1 de Março, Ayres conta que tem trabalhado «com alguns cientistas de renome mundial na especialidade». Cita, entre outros, os professores Wolfgang Abel, Hans Nachtsheim, Peter Dahr, Hans Grebe e Karin Magnussen. São nomes que fazem parte da cúpula científica do nazismo, quase todos militantes do NSDAP e frequentemente membros das próprias SS. Alguns deles, como Abel, virão a efectuar estudos em campos de concentração, designadamente no de Auschwitz. Grebe, por sua vez, trabalhará em órgãos humanos provenientes daquele campo. O mesmo se pode dizer da bióloga Magnussen, que alimentará as suas pesquisas sobre a diferente coloração da íris com olhos humanos enviados por Mengele a partir de Auschwitz.

O português prossegue as investigações em gémeos e em Abril vem até ao Porto. Trata-se de uma viagem «de serviço», com o objectivo de levar a cabo a classificação dos grupos sanguíneos no Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina do Porto, onde é assistente. São «as primeiras determinações» de alguns tipos sanguíneos levadas a cabo em Portugal - como salientará na sua tese de doutoramento. Veio a conselho dos seus mestres alemães. Consigo traz todo o material necessário. Durante duas semanas trabalha sobre um universo de uma centena de indivíduos, «recrutados» na faculdade e na Maternidade de Júlio Diniz, onde encontra todos os sangues-padrões, «mesmo os mais raros». O trabalho é «coroadado de completo sucesso».

O último comboio de Berlim

Em Julho, a guerra generaliza-se a toda a Alemanha, o que é testemunhado pelos telegramas diários do conde de Tovar para o Ministério tutelado por Salazar. A 20, o embaixador dá «como provável» um desembarque aliado «perto da costa ocidental italiana». A 22, reporta a destruição do consulado português em Colónia. A 26, faz-se eco de notícias sobre a resignação de Mussolini. No mesmo dia, reporta o bombardeamento de Hamburgo, provocando uma «destruição e mortandade pavorosas».

A situação é tal que, a 1 de Agosto, o governo de Hitler decreta a evacuação de Berlim. O conde de Tovar telegrafia para Lisboa, para dizer que foi «distribuído em todas as casas de Berlim» um comunicado aconselhando o abandono da cidade por todos aqueles que não tenham «obrigações imperiosas a cumprir». Assina-o o ministro da Propaganda e governador de Berlim, Joseph Goebbels. A 3, o diplomata verifica que a cidade «está sendo metodicamente evacuada» e que «os comboios são literalmente tomados de assalto». Preocupado com a segurança da minúscula comunidade lusa, o embaixador decide «promover o repatriamento das mulheres e filhos dos funcionários» diplomáticos, assim como dos bolseiros e «algumas criadas de servir». Homem de Mello é designado para acompanhar o grupo até Lisboa.

A pequeníssima comitiva - de que fazem parte Ayres e a mulher - deixa a capital a 10 de Agosto. «Vim no último comboio», escreverá mais tarde. «Saí de Berlim, apenas, em obediência à ordem de evacuação, e no último momento possível.» Viaja na companhia de outra bolseira, Maria Augusta Barbosa, que aos 96 anos, recorda: «Recomendaram-nos que chegássemos à estação duas ou três horas antes do horário, não fosse o comboio ter de arrancar em razão de bombardeamentos iminentes. O nosso comboio passou em Nuremberga pouco antes de um bombardeamento que deixou a cidade em ruínas. Escapámos por pouco!»

A viagem decorre - regista Homem de Mello - «sem incidentes graves». O diplomata fica em Lisboa três dias, após o que ruma de novo a Berlim. Os membros da missão portuguesa só abandonarão a capital do Reich a 14 de Abril de 1945, duas semanas antes de Hitler e Eva Braun se suicidarem no seu «bunker»- o que levará Salazar a decretar três dias de luto nacional.

Quem já não volta para Berlim é Ayres de Azevedo. À sua frente tem agora o desafio da sua vida: o doutoramento.

Verschuer: a ciência ao serviço do nazismo

Otmar von Verschuer, o patrono de Ayres de Azevedo, é uma figura cimeira da ciência ao serviço do nazismo. Oriundo de uma família da nobreza, o que lhe conferiu o título de barão, nasce em 16 de Julho de 1896. Filho de um general, combate na I Guerra Mundial. Protestante e anti-semita, adere a um movimento de ultradireita. Licenciado em Medicina, especializa-se em Genética e doutora-se com uma pesquisa sobre gémeos. Em 1935, passa a dirigir o Instituto para a Hereditariedade, Biologia e Pureza Racial, na Universidade de Frankfurt. Prossegue o estudo sobre gémeos e investiga as diferenças raciais, procurando demonstrar a alegada inferioridade dos judeus. Adere ao partido nazi em 1940. Dois anos depois é nomeado director do Instituto de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia do KWI, em Berlim - núcleo do que já foi designado «racismo científico da Alemanha nazi». A partir de 1943, este instituto colabora com o campo de concentração de Auschwitz, onde pontifica um seu discípulo e ex-assistente, Josef Mengele. Dirige a revista «Der Erbarzt», onde este e Ayres escrevem.

Após a guerra, toda a correspondência com Mengele é destruída, bem como muitos dos dados das suas pesquisas. Preso, é julgado como mero colaborador do nazismo; condenado a uma simples multa de 600 marcos, é libertado. Em 1947, uma comissão de inquérito ao KWI concluiu, no entanto, que Verschuer «não pode ser considerado apenas como um colaborador, mas sim como um dos mais perigosos activistas nazis do III Reich».

Apesar deste juízo, retoma em 1951 a carreira académica e é nomeado professor da Universidade de Münster. Prossegue as pesquisas sobre gémeos no Instituto de Genética Humana, que dirige e transforma na mais importante unidade de investigação alemã daquela área. Morre em 1969, com 73 anos, na sequência de um acidente de viação. Ao noticiar a morte, a grande imprensa alemã ignora o seu passado nazi.

O investigador brasileiro Bernardo Beiguelman registou em Portugal pelo menos três biografias de Verschuer, publicadas na revista «O Médico». Em nenhum dos textos se faz qualquer menção a Ayres de Azevedo e à cumplicidade do barão Von Verschuer com o nazismo.

Os percursos cruzados de Mengele e Ayres

A carreira científica de Ayres de Azevedo na Alemanha cruzou-se com o de Josef Mengele, o mais conhecido dos médicos nazis. Ambos trabalharam, ainda que em momentos diferentes, no mesmo instituto de Frankfurt, sob a direcção do mesmo mestre, Von Verschuer, e sobre áreas de investigação afins: hereditariedade em gémeos. Mais tarde, coincidiram no KWI de Berlim, entre Janeiro e Maio de 1943, a trabalhar de novo com Verschuer e outra vez em gémeos. Ter-se-ão conhecido? Terão colaborado? O filho de Ayres assegura que nunca ouviu o pai falar de Mengele nem das experiências de Auschwitz. «Estou convencido que, enquanto viveu na Alemanha, nem sequer sabia da existência dos campos de concentração», diz José Manuel Aires Basto. A verdade, porém, é que o número de cientistas naquela altura não chegaria a trinta e certamente que o mestre Verschuer não deixaria de pôr em contacto dois discípulos que pesquisavam o mesmo tema.

Mengele nasce em 16 de Março de 1911, na Baviera. Faz um primeiro doutoramento em Antropologia, em Munique. Investigador no Instituto para a Hereditariedade, Biologia e Pureza Racial, na Universidade de Frankfurt, faz um segundo doutoramento. Militante do partido nazi, adere às tropas de elite SS, onde faz carreira. Oficial-médico, participa na invasão de França, Ucrânia e Polónia. É gravemente ferido na frente Leste, o que o obriga a ser transferido para Berlim. Em finais de Maio de 1943, capitão, troca o KWI pelo cargo de médico em Auschwitz, o maior campo de extermínio do III Reich. Realiza inúmeras experimentações em gémeos, anões, ciganos e indivíduos com diversas anomalias. Entre o KWI e Auschwitz estabelece-se uma macabra parceria. O campo abastece o instituto de sangue, olhos e outros órgãos dissecados dos cadáveres, muito especialmente de gémeos e anões. Verschuer, por sua vez, terá obtido fundos para as sinistras experiências de Mengele.

Em 1945, dias antes da libertação do campo pelos soviéticos, abandona Auschwitz. É preso pelos americanos, mas consegue escapar. Não escapa, porém, à condenação a prisão perpétua, determinada à revelia pelo Tribunal de Nuremberga. Três anos depois, foge para a América Latina, onde passa a viver sob falsas identidades. Morre no Brasil, em 1979, afogado numa praia de São Paulo, com o nome de Wolfgang Gerhard. A campa é descoberta e a identidade confirmada pela Mossad. Na próxima edição, o regresso ao Porto e as peripécias na Faculdade de Medicina